

---

**Florescer:  
o telejornalismo como ferramenta para o combate à violência contra a mulher<sup>1</sup>**

Ariane PEREIRA<sup>2</sup>  
Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR<sup>3</sup>

**RESUMO**

Os números são cruéis, gritantes e evidenciam que a igualdade entre homens e mulheres está longe de ser conquistada. No Brasil, segundo dados do Ministério Público, uma mulher é assassinada pelo simples fato de ser mulher a cada 11 minutos – e 63% delas morrem dentro da própria casa. Um novo caso de violência sexual contra pessoas do sexo feminino é registrado a cada 2h30. Crimes cometidos por agressores que confiam numa espécie de tolerância social, em que a cultura baseada no patriarcalismo e no machismo favorece a vergonha, o medo e a condenação da vítimas pelos atos cometidos contra elas. O combate à violência contra a mulher, desse modo, é também um trabalho de mudança cultural e, nesse aspecto, a comunicação é fundamental para difundir novos modos de ler, ser e estar no mundo. É com esse objetivo, então, que o projeto Florescer tem como proposta a utilização dos recursos do telejornalismo para a produção de materiais audiovisuais que atuam em duas frentes. A primeira, levar a mulher a se reconhecer como vítima e perceber que é possível transformar a própria vida. A segunda é levar a sociedade a refletir sobre suas práticas culturais, de modo a promover, no longo prazo, novas posturas nas relações que envolvem homens e mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; telejornalismo; produção audiovisual; gênero; combate à violência contra a mulher.

*Tornar visível o que é precisamente visível – ou seja,  
fazer aparecer o que está tão próximo, tão imediato  
o que está tão intimamente ligado a nós mesmos que,  
em função disso, não o percebemos.  
Michel FOUCAULT, 2010, p.44*

---

1Trabalho apresentado no GP Telejornalismo integrante do XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2Doutora em Comunicação e Cultura. Mestre em Letras. Jornalista. Docente do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em História, na Unicentro (Universidade Estadual do Centro-Oeste), em Guarapuava, Paraná. Vice-líder do Grupo de Pesquisas Conversas Latinas em Comunicação. Email: [ariane\\_carla@uol.com.br](mailto:ariane_carla@uol.com.br).

3 O Florescer: produção e utilização de materiais audiovisuais no enfrentamento à violência contra a mulher contou com a participação da professora Iris Tomita (vice-coordenadora da proposta), das recém-formadas em Jornalismo Luiza Urbano e Naiara Persegona, e da estudante de Jornalismo Caroline Albertini.

---

## **As múltiplas violências cotidianas contra a mulher**

A violência contra a mulher está presente, de modo significativo e quase sempre velado, na sociedade brasileira e sua ocorrência não está ligada à classe social, à faixa de renda, nem tão pouco à escolaridade. Não são poucos os lares e famílias que experimentam a agressão que pode ser, segundo a Lei Maria da Penha, física, psicológica, moral, sexual e patrimonial.

O Paraná, por exemplo, estado considerado desenvolvido, com oportunidades razoáveis de escolarização e emprego, registrou um crescimento no número de feminicídios, isto é, o assassinato de mulheres pelo simples fato de serem mulheres, da ordem de 15,1% entre os anos de 2003 e 2013, segundo o Mapa da Violência 2015, produzido pelo Instituto Sangari. Em média, no período analisado, foram 5,3 mulheres mortas para cada grupo de 100 mil pessoas do sexo feminino. Índice superior à média nacional que, de acordo com a mesma sistematização, é de 4,8 feminicídios para cada 100 mil mulheres.

Essa taxa (4,8/100 mil) coloca o Brasil, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), na quinta posição entre os 83 países que forneceram dados homogêneos relacionados ao assassinato de mulheres, ficando atrás apenas de El Salvador, da Colômbia, da Guatemala e da Federação Russa. Em termos comparativos, o Brasil registra 16 vezes mais homicídios femininos que o Japão, 24 vezes mais que a Irlanda ou a Dinamarca, e 48 vezes mais que o Reino Unido.

Voltando aos números do Mapa da Violência contra a Mulher, o Paraná tem nove municípios na listagem das cem cidades brasileiras com mais casos de feminicídios: Campina Grande do Sul, 27. colocada no ranking nacional da violência contra mulher; Piraquara, 36.; Santa Helena, 44.; Pinhas, 56.; Araucária, 61.; Almirante Tamandaré, 62.; Fazenda Rio Grande, 73.; São Miguel do Iguçu, 91.; Colombo, 100. Guarapuava que, na pesquisa anterior, datada de 2012, figurava na 96. posição.

No ano de 2013 foram registrados, na cidade, 511 boletins de ocorrência de violência contra a mulher pela Polícia Militar. No ano seguinte, esse número caiu para 479 e voltou a aumentar em 2015, quando foram registrados 526 BOs. Já a Secretaria Municipal de Políticas Públicas para Mulheres de Guarapuava, criada em março de 2013, atendeu 389 mulheres vítimas de violência em 2013, 608 casos em 2014 e 363 no ano de 2015.

---

Diante desse cenário de brutalidades, onde a mulher não é respeitada, e mais que isso, é tratada com violência, é evidente que vivemos em uma sociedade desigual, onde há sobreposição e dominação de um gênero sobre o outro, onde a relação entre homem e mulher, por centenas ou milhares de vezes em Guarapuava, no Paraná e no Brasil, foi mediada pela violência, gerando o assassinato de muitas mulheres. Porém, em meio a tantas relações conflituosas, ainda há muitas mulheres que não se perceberam como vítimas de violência. Bem como há homens que não consideram agressão os atos praticados contra a mulher. A violência física deixa marcas evidentes, mas as violências do tipo psicológico ou moral, por exemplo, não deixam sinais claros. Por isso, muitas mulheres não se percebem em uma relação abusiva.

Talvez por isso não procurem ajuda e acabem padecendo nas mãos de seus agressores. Dados do Ministério Público brasileiro mostram que a cada 11 minutos um feminicídio é cometido no Brasil e 63% das vítimas são assassinadas dentro das suas próprias casas. Outra possibilidade é que as vítimas não denunciem por uma mistura de medo e vergonha, já que presenciamos/vivenciamos uma espécie de tolerância social pelo agressor, que tem crimes diminuídos na medida em que há uma culpabilização da vítima. Quase sempre há uma explicação para as violências contra a mulher: morreu porque traiu; apanhou porque não obedeceu e/ou cumpriu suas obrigações; sofreu violência sexual porque pegou carona com um desconhecido ou usava roupas sugestivas.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera os casos de violência contra a mulher como uma pandemia, ou seja, um problema de saúde pública que é resultado de uma grave violação dos direitos humanos. Pesquisa realizada pela agência da ONU (Organização das Nações Unidas) resultou em estatísticas assustadoras:

- 50% dos entrevistados (homens e mulheres em igual proporção) não vêem problemas na disseminação de piadas machistas;
- 44% afirmam que o papel social mais importante da mulher é o de cuidadora da casa e da família. Em contrapartida, os mesmo entrevistados afirmam que a função essencial do homem na estrutura familiar é ganhar dinheiro, ser o provedor;
- 27% - ou seja, um em cada quatro entrevistados – afirmam que o abuso sexual é justificado em determinadas circunstâncias, como quando a mulher está bêbada ou

---

drogada, se convidou o homem para ir até sua casa, ou se está vestindo roupas sugestivas.

### **(Desigualdade de) Gênero em discussão**

As declarações colhidas e as crenças que refletem são fortes indícios de que vivemos em uma sociedade doente pelo sexismo e arraigada no patriarcalismo. Desse modo, é impossível acreditar na afirmação de que estamos perto de alcançar a igualdade entre os gêneros. Para que a sociedade elimine as distinções entre homens e mulheres, e passe a encarar todos como iguais – independente do sexo ou da orientação sexual –, ou seja, como seres humanos indistintamente é preciso mudar mentalidades e comportamentos. E, para isso, é preciso promover e participar de uma batalha cultural.

Luta que, seguindo Michel Foucault, é papel do intelectual. Afinal, para o francês, esse deve se atribuir o papel de fazer seus contemporâneos perceberem o que acontece na atualidade e o que move o presente. Ou seja, compete a ela fazer uma ontologia do agora. Trabalho de diagnóstico que também é, simultaneamente, de indignação e de denúncia, de fazer ver o visível ignorado por sua proximidade.

Talvez, o diagnosticador do presente possa fazer as pessoas perceberem o que está acontecendo. Por meio do pequeno gesto que consiste em deslocar o olhar, ele torna visível o que é visível, faz aparecer o que está tão próximo, tão intimamente ligado a nós que, por isso mesmo, não o vemos. (FOUCAULT, 2010, p.44)

Foucault compara o trabalho do diagnosticador do presente (que é como ele entende o que a sociedade francesa chamava de intelectual) ao do jornalista. Para ele, ambos devem assumir a tarefa de identificar os movimentos e as forças que atravessam o hoje, o conjunto de coisas que atravessam a nossa vida cotidiana. É uma dessas tramas, na atualidade, sem dúvida, é aquela constituída pelos diversos fios da violência contra a mulher.

Atos que não são exclusividade da atualidade, mas que no agora começam a ser discutidos por meio de uma liberação das palavra da mulher. Afinal, em ações de sororidade, as mulheres têm encontrado em outras mulheres apoio para fazer a denúncia e tornar público a violência e o assédio. Afinal, retomando as palavras proferidas por um homem, o presidente francês Emanuel Macron, em discurso pronunciado em 25 de

---

novembro de 2017, Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres,

É essencial que a vergonha mude de lado, que os criminosos da vida cotidiana que assediam, difamam, tocam, agridem, nunca mais sejam perdoados, mas vilipendiados, levados à justiça, condenados com firmeza, sem complacência, sem desculpas. (EL PAIS)

A luta pela igualdade entre homens e mulheres não é novidade. Desde o século passado, mulheres em todas as partes do mundo têm travado batalhas sociais. Segundo Joan Scott, o termo “gênero” foi

proposto por aquelas que sustentavam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas disciplinares. As pesquisadoras feministas assinalavam desde o início que o estudo das mulheres não acrescentaria somente novos temas, mas que iria igualmente impor um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente. (1995, p.73)

Desse modo, também aos estudos do jornalismo, de modo amplo, e da telejornalismo, mais especificamente, também cabe e é fundamental a inserção do conceito de gênero. Ou seja, nada impede que pesquisas em telejornalismo sejam, simultaneamente, estudos de gênero. E é essa a proposta deste trabalho, uma espécie de relato de experiência de uma ação em que os conceitos do telejornalismo foram acionados para o combate das violências contra a mulher.

### **Florescer e a dramaturgia do telejornalismo**

O projeto *Florescer: produção e utilização de materiais audiovisuais no enfrentamento à violência contra a mulher* foi concebido e desenvolvido como um instrumento de sensibilização da mulher vítima de violência para que a mesma se reconhecesse como tal e buscasse as instâncias de ajuda/apoio no combate à violência contra a mulher.

A ideia surgiu durante uma apresentação da Secretaria Municipal de Políticas Públicas para Mulheres de Guarapuava, a única de toda a região centro-sul e centro-oeste do estado do Paraná, num bairro da cidade. Na ocasião, foram apresentadas como exemplos dos relatos feitos pelas técnicas da secretaria (psicólogas e assistentes sociais) fotografias de casos extremos de violência atendidos pelo órgão. As narrações

---

impessoais não despertavam a emoção na audiência e, assim, não levavam as mulheres a se reconhecerem como vítimas, nem os homens perceberem-se como agressores. A necessidade de materiais que falassem diretamente com essas pessoas mostrou-se evidente.

Desse modo, em parceria com a Secretaria Municipal de Políticas Públicas para Mulheres de Guarapuava e com financiamento do Programa Universidade Sem Fronteiras (USF) via Unidade Gestora do Fundo Paraná (UGF)/Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná, passamos a desenvolver, ao longo de 12 meses, materiais audiovisuais de combate as múltiplas violências contra a mulher.

Um dos pontos centrais da produção ancorou-se sobre a essencialidade de partir-se de histórias reais, de depoimentos de mulheres vítimas de violência. Ao narrar suas experiências de dor e de renascimento, acreditamos, essas personagens seriam como um espelho – a partir da tela da TV, do computador ou do celular, numa mediação jornalística – para que outras vítimas se reconhecessem como tal e se sentissem estimuladas e encorajadas para buscar apoio. Ou seja, para o projeto, a produção de conteúdos telejornalísticos sobre a temática tem potencial para incitar ou, minimamente, despertar a possibilidade de, no longo prazo, uma transformação social em relação a violência doméstica.

Essa essencialidade das histórias reais, ou seja, da construção das narrativas audiovisuais a partir de personagens é, a pelo menos três décadas, uma das premissas do jornalismo de televisão e faz parte da busca pelo atrair nossa visão e audição enquanto telespectadores. Isto é, é uma das possibilidades narrativas do que Coutinho (2012) denominou de “dramaturgia do telejornalismo”. Para ela,

o noticiário de televisão é espaço para que experimentemos os pequenos e os grandes dilemas cotidianos, emoções de anônimos e autoridades, editados segundo uma série de características que as aproxima das narrativas de ficção, do terreno da (tele)dramaturgia. (COUTINHO, 2012, p.2)

A narrativa jornalística televisiva, assim, pode se compreendida como uma construção textual que valoriza a estrutura e os elementos dramáticos – tais como o próprio uso de personagens, os depoimentos ou as sonoras, a composição imagética, os silêncios, as trilhas sonoras, os áudio-ambientes – encadeados e valorizados por meio da edição (tele)jornalística (Coutinho, 2012, p. 106).

---

Esse drama presente na dramaturgia do telejornalismo embora se aproxime estruturalmente do entretenimento, não pode ser encarado como tal. Do modo análogo, a dramaturgia própria do veículo não faz do jornalismo de televisão sensacionalista. As histórias de vida – entendidas como recursos de humanização e/ou de personificação – e os elementos acrescentados durante a edição – como o sobe-som e a inserção de trilhas – atuam para conferir ao telejornalismo, conforme um memorando emitido em 1963 por Reuven Frank, então produtor executivo do NBC Evening News, seu maior poder que, para ele, não estaria na transmissão da informação, mas na transmissão de experiências, por meio do consumo de notícias (REUVEN FRANK apud COUTINHO, 2010). Assim,

reconhecer o papel ou a função da televisão como narradora ou contado de estórias do cotidiano seria uma forma de estabelecer contextos mais aprofundados, como por exemplo, avaliar a televisão como um sistema ou instituição de consenso narrativo. (COUTINHO, 2010)

É justamente por acreditar na força do telejornalismo como aquele texto entendido pela própria sociedade como a melhor forma para se ter acesso a estórias cotidianas<sup>4</sup> e, sobretudo, a mergulhar – através dos múltiplos elementos (verbal, imagético, sonoro, de edição) que convergem numa única narrativa – nesses dramas do dia a dia, que a narrativa telejornalística foi escolhida como o meio privilegiado para o combate à violência contra a mulher. Afinal, se a dramaturgia do telejornalismo pode ser encarada como uma construção cultural capaz de conferir especial interesse e importância a um evento ou situação, ela pode ser utilizada como arma, como locus de resistência para comportamentos socialmente aceitos, tal como hoje configuram-se, ainda, o sexismo, o machismo e o patriarcalismo.

Desse modo, nossos produtos audiovisuais, necessariamente, ao abordar o tema da violência doméstica, constroem a informação a partir de depoimentos, histórias reais de mulheres vítimas de agressões diversas – afinal, essas, segundo a Lei Maria da Penha, podem ser físicas, sexuais, morais, psicológicas e patrimoniais. O vídeo sobre relacionamentos abusivos<sup>5</sup>, por exemplo, inicia com a vinheta do projeto, que é seguida

---

4 Mesmo que a televisão e os telejornais já não gozem do status a eles conferidos há menos de uma década, seus modos de narrar continuam tendo centralidade nas maneiras de se contar e se ter acesso à estórias através de outras telas, como a dos computadores, tablets e celulares, a partir de sites de compartilhamento de vídeos (a exemplo do YouTube) ou das redes sociais (tais como Whatzapp, FaceBook e Instagram), que seguem reproduzindo seus modos de fazer.

5 Os vídeos produzidos pelo projeto só podem ser exibidos em circuito fechado, como forma de garantir o anonimato das vítimas e, assim, a segurança e a integridade das mesmo. É por isso que os links dos

por uma série de trechos de depoimentos de vítimas, sempre acompanhados por trilha sonora de fundo. As histórias são interrompidas para que informações sobre as personagens sejam incluídas através de inserts, como ilustram o trecho inicial do roteiro abaixo e, na sequência, a reprodução de frames do vídeo.

<p><b>Aline</b> (nome fictício) Começou a namorar com 17 anos Primeiro namoro = relacionamento abusivo</p> <p><b>Isabela</b> (nome fictício) Começou a namorar com 15 anos Primeiro namoro = relacionamento abusivo</p> <p><b>Larissa</b> (nome fictício) Começou a namorar com 17 anos Primeiro namoro = relacionamento abusivo</p>	<p><b>VINHETA FLORESCER</b></p> <p><b>DEPOIMENTO ALINE)</b> “Ele era, extremamente, aquele cara que todo mundo pensa que é um príncipe, sabe? Ai, que abre a porta e que isso e que aquilo... Mas que dentro do relacionamento é diferente”</p> <p><b>Pausar a sonora e inserir informações sobre a personagem =&gt; subir o BG (trilha)</b></p> <p><b>DEPOIMENTO ALINE)</b> “E foi o que foi mais difícil, porque, por exemplo, eu não era vista como vítima pelos meus pais. Foi só no último momento, quando eu tava no hospital com os braços sangrando, porque eu tentei me suicidar, que eu fui vista como vítima da história”</p> <p><b>DEPOIMENTO ISABELA)</b> “A gente foi se tornando amigo. Ele era a pessoa que eu mais confiava, contava tudo. E ele sempre quis ficar comigo”</p> <p><b>Pausar a sonora e inserir informações sobre a personagem =&gt; subir o BG (trilha)</b></p> <p><b>DEPOIMENTO ISABELA)</b> “No começo foi um relacionamento normal. Nos primeiros meses ele continuou o mesmo. Mas, aí, no decorrer do tempo, ele começou a me xingar de puta pra cima, de tudo o que você possa imaginar. E isso foi piorando... Piorando... Até que chegou o momento que eu falei que não queria mais ele e ele falou que a gente só ia terminar quando ele quisesse”</p> <p><b>DEPOIMENTO LARISSA)</b> “Por ser meu primeiro namorado, eu não tinha conhecimento de como deveria ser um namoro saudável”</p> <p><b>Pausar a sonora e inserir informações sobre a personagem =&gt; subir o BG (trilha)</b></p> <p><b>DEPOIMENTO LARISSA)</b> “Olhando para trás, eu não sei como a gente namorou um ano, porque ele não gostava das minhas amigas, não gostava das roupas que eu usava, não gostava dos</p>
--	---

vídeos não são divulgados.

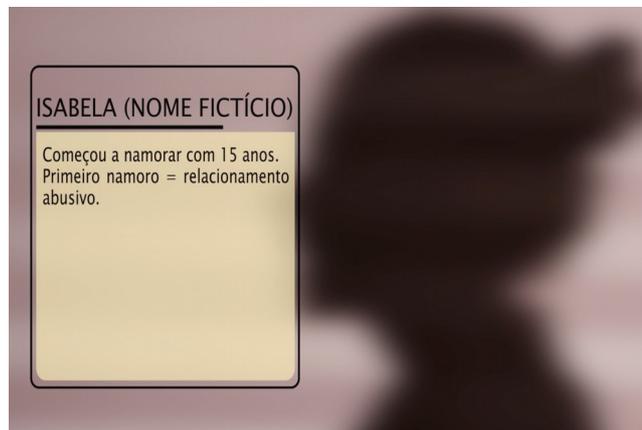
	<p>programas que eu assistia, das músicas que eu ouvia. E, na verdade, eu achava que isso era normal, porque pra mim, no relacionamento, os dois lados tinham que ceder. Mas, olhando pra trás, eu vejo que só eu cedia”</p>
--	--



Florescer – Logo



Florescer – Depoimento



Florescer – Insert/Videografismo

Outra característica da dramaturgia do telejornalismo é conseguir, através do tom emocional e emotivo de sua narração, aproximar o público da estória contada. Em *Florescer* essa conquista, rememorando Clóvis Rossi, das mentes e dos corações dos telespectadores para a causa do combate à violência contra a mulher, se dá pelos elementos já apresentados acima e, também, pela composição estética das cenas. Mesmo que as mulheres não possam ser identificadas, as imagens carregam todo o drama por traz daquelas estórias de vida. Para isso, optou-se pela utilização de três câmeras: uma, em plano aberto, captando a sombra da personagem; outra em big-close, trazendo o detalhe da boca dessa mulher; e a terceira, em plano detalhe, mostrando as mãos da depoente sem segundo plano, tendo uma planta em primeiro plano. Os três enquadramentos permitem ao telespectador compartilhar das emoções vivenciadas pelas mulheres tanto no momento da(s) agressão(ões), quanto do relembrar para contar.



Florescer – enquadramento sombra



Florescer – enquadramento boca



Florescer – enquadramentos mãos

A presença da flor num dos enquadramentos busca reforçar que, embora a dor seja visível e impossível de ser apagada, em meio ao sofrimento, quando se reconhece como vítima e se procura ajuda, é possível florescer, e iniciar uma vida nova.

Elemento importante da narrativa dramática do telejornalismo, a inserção de personagens também possibilita que sejam reforçados valores morais e de conduta. No caso das mulheres vítimas de violência, a presença delas evidencia que por trás das relações desiguais de gênero estão seres humanos e, dessa forma, não há nenhuma desculpa ou atenuante algum para a violência que, portanto, não pode ser aceita ou sequer tolerada. A partir dessa presença e dos desdobramentos de suas histórias – passando de vítimas caladas a denunciadoras dos agressores – é possível, por fim, encerrar o vídeo com uma espécie de “moral da história”, encorajando a mulher que, ao longo da narrativa, reconheceu suas experiências nas histórias contadas a procurar ajuda e denunciar. Os encerramentos dos vídeos procuram desnaturalizar a violência, mostrar que é possível descontinuar a agressão e, a partir da denúncia, iniciar uma nova vida, “florescer”, como propõe o próprio título do projeto. Como exemplo, apresentamos o trecho final do vídeo sobre relacionamentos abusivos:

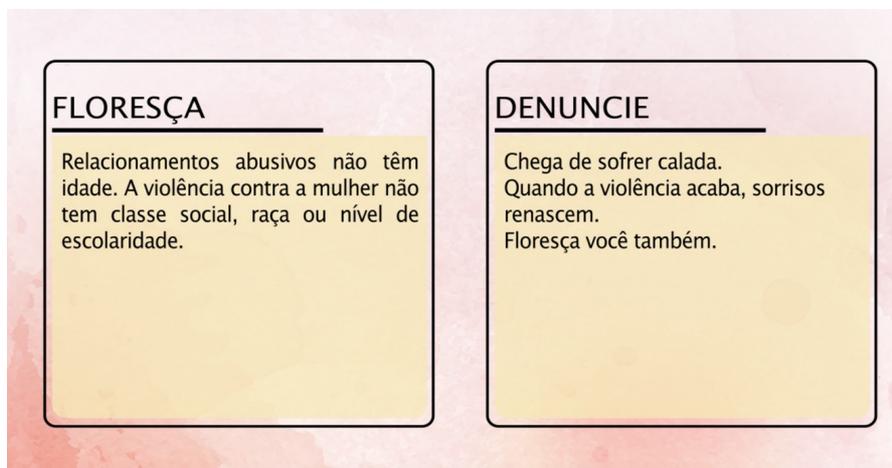
<p><b>Arte</b> O relacionamento abusivo, levou Aline ao limite. Ela tentou se matar, cortando os braços. Foi só nesse momento que a família percebeu o problema e interveio.</p>	<p><b>SOBE COM DA TRILHA COM INSERÇÃO DE VIDEOGRAFISMO (sem off)</b></p>
--	--

<p>Isabela, por medo, não conseguiu romper com a violência. O relacionamento abusivo só teve fim quando a família descobriu e procurou a polícia.</p> <p>Larissa contou com a ajuda das amigas para perceber que não era mais a mesma. Sofreu quando se reconheceu como vítima. Sofreu quando colocou um ponto final. Mas, com o tempo, superou.</p> <p><b>Arte</b> Relacionamentos abusivos não têm idade. A violência contra a mulher não tem classe social, raça ou nível de escolaridade. Chega de sofrer calada. Denuncie. Quando a violência acaba, sorrisos renascem. Floresça você também.</p>	<p><b>DEPOIMENTO LARISSA)</b> “Se você tá se sentindo mal, isso não é um relacionamento saudável, pra você se estender com ele. Pra que manter meses ou, às vezes, até anos, só por ter o conforto de você estar com a pessoa?”</p> <p><b>DEPOIMENTO ISABELA)</b> “Com 15 anos, eu costumo dizer que a gente nem sabe namorar direito. Quem dirá perceber se é um relacionamento abusivo, se tá fazendo mal ou alguma coisa assim... Então, eu vejo que isso me prejudicou muito. Porque nos próximas relações, eu levo traumas daquilo, sabe? Eu não consigo ser confiante, eu não consigo confiar na pessoa que eu tô. Eu não consigo achar que eu sou suficiente pra ela, sabe? São coisas que parece que eu lembro ele falando pra mim, sabe?”</p> <p><b>DEPOIMENTO ALINE)</b> “Realmente, quando você tá no ciclo, você não vê o resto do mundo, no ciclo de violência”</p> <p><b>DEPOIMENTO ISABELA)</b> “Se ela está te afastando dos teus amigos e da tua família, ela já tá te isolando. É porque ela quer ter um maior controle sobre você. As roupas, maquiagem, perfume muito forte – se a pessoa se incomoda com isso, o meu conselho já é sair fora. Porque se a pessoa, realmente, te ama, ela vai te elogiar, ela vai falar o quanto você tá bonita com aquela roupa”</p> <p><b>SONORA ALINE)</b> “Poxa!... Eu tô, extremamente, feliz!... Porque eu me vejo livre! Eu me sinto muito livre!”</p> <p><b>SOBE COM DA TRILHA COM INSERÇÃO DE VIDEOGRAFISMO (sem off)</b></p>
--	--

Essa “lição de moral” - outro elemento da dramaturgia do telejornalismo -, embora aponte o caminho possível para a resolução do conflito, evidencia que o percurso até o “final feliz”- ou seja, até o renascer dos sorrisos e o início de uma nova vida sem agressões – pode ser longo e quase sempre marcado por percalços e dificuldades.



Florescer – Moral da História 1



Florescer – Moral da História 2

### Considerações Finais

A narrativa jornalística televisual, embora muito criticada nos tempos recentes, ainda é construção textual socialmente aceita e tem compreensão praticamente universal. Nesse sentido, ao contrário do emprego dado por algumas emissoras de TV e/ou telejornais, a dramaturgia do telejornalismo pode ser extremamente útil no combate a violência contra a mulher e, principalmente, no médio e no longo prazos, ao fim dessa

---

nossa sociedade desigual no que diz respeito aos relacionamentos homem-mulher. Afinal, em pleno século XXI, a violência contra a mulher ainda está disseminada em nossa sociedade, repetindo uma configuração de desrespeito ao sexo feminino instalada no Brasil e em muitos países do mundo há séculos. A lógica do homem provedor e viril ampara as práticas em que a mulher deve submeter-se ao masculino sob a pena do açoite físico, moral, psicológico, patrimonial ou sexual.

O combate à violência, desse modo, é, também e simultaneamente, um processo de transformação social em todos os níveis. Os estudos de gênero e, sobretudo, o dia a dia dos atendimentos às vítimas de agressão demonstram que a violência contra a mulher não tem classe social, nível de escolaridade ou raça. Agressores e vítimas têm diferentes perfis e o desrespeito se dá nos rincões de pobreza e em áreas mais abastadas, entre analfabetos ou entre pessoas com elevado grau de escolaridade. Ou seja, as ações de combate à violência contra a mulher não devem se concentrar em perfis específicos, devem se disseminar entre os membros de toda a sociedade, de modo a conscientizar as vítimas da sua condição, eliminando o aspecto de naturalidade da violência contra a mulher como prática social disseminada.

Em analogia, para que a mulher se reconheça como vítima de violência, ela deve ter contato com histórias semelhantes à sua, não valorizando apenas casos extremos, mas mostrando a realidade de mulheres de diferentes classes sociais, escolaridade, raça e idade, vítimas de diversos tipos de violência e em distintos graus. Assim, o projeto *Florescer: produção e utilização de materiais audiovisuais no enfrentamento à violência contra a mulher* tem entre seu público-alvo as mulheres vítimas de agressões de modo geral, não importando quantos anos têm, onde moram e renda, por exemplo. Enfim, ao lançar mão da dramaturgia do telejornalismo, os produtos audiovisuais de combate à violência de gênero colocam em cena e dão voz a mulheres reais, vítimas de agressões, que buscaram atendimento e floresceram. Experiências de vida que compartilhadas pelo audiovisual possibilitam que outras mulheres se reconheçam como vítimas, busquem apoio e lutem por uma vida sem dor e discriminação de sexo.

## REFERÊNCIAS

COUTINHO, Iluska. *A dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras e nas emissoras de Juiz de Fora-MG*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012, 247p.

\_\_\_\_\_. O modelo americano de telejornalismo e sua influência na TV brasileira. *Anais Intercom 2010*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0189-2.pdf>. Acesso em 28/05/2018.

FOUCAULT, Michel. A filosofia analítica do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.37-55

EL PAIS. *Macron aponta igualdade entre mulheres e homens como o “grande objetivo” do seu mandato*. 26/11/2017. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/25/internacional/1511637991\\_316736.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/25/internacional/1511637991_316736.html). Acesso em 26/05/2018.

ROSSI, Clóvis. *Vale a pena ser jornalista?* 2.ed. São Paulo: Moderna, 1986.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. N.20. V.02. Jul-Dez/1995, p. 71-99